Bordado, o mundo

POLÍTICA DO FIO E DO TEMPO
NAS MÃOS DE MULHERES



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bordar o mundo [livro eletrônico] : política do fio e do tempo nas mãos de mulheres / [artista/oficineira Claudia Lara ; produção Miths Produções Culturais, Milena Carolina Ribeiro, Thais Cristina Wroblewski]. -- Curitiba, PR : Miths Produções Culturais, 2026.
PDF

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-976211-0-1

1. Artes 2. Bordado 3. Memórias 4. Mulheres na arte I. Lara, Claudia. II. Miths Produções Culturais. III. Ribeiro, Milena Carolina. IV. Wroblewski, Thais Cristina.

26-368143.0 CDD-746.44028

Índices para catálogo sistemático:

1. Bordados : Artes têxtil 746.44028

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/841

ISBN: 978-65-976211-0-1
9 786597 621101

Produção
MITHS PRODUÇÕES CULTURAIS
Milena Carolina Ribeiro
Thais Cristina Wroblewski

Artista/Oficineira
Claudia Lara

Assistente de oficina
Guilherme Brollo

Fotógrafa
Vaguelis Silva

Designer
Barbara Haro

Acessibilidade
Libras Moreira

Apoio institucional
Museu de Arte da UFPR – MusA

Ação cultural apoiada pelo edital Sementes da Ancestralidade - fomento à cultura afro-diaspórica da Fundação Cultural Palmares / Ministério da Cultura

Artistas Participantes:
Ana Carolina Nobrega
Ana Paula Peters
Andrea Oliveira
Astrud Barbosa
Briê
Elly
Gi Mazetto
Heloisa Campos
Isabel Ortigosa
Larissa Leonardi
María Serrano
Mariana Bentivoglio Vieira dos Santos
Milena Ribeiro
Nat Conforte
Paola Stencel
Patricia Nies
Rejane Silveira da Mota
Rita Vaz
Sheyla Trefflich
Thais Wroblewski
Vavá Diehl
Vitoria Souza
Yala Fezer
YASLA

MITHS Produções
@mithsproducoes
mithsproducoesculturais.com

produção MITHS PRODUÇÕES CULTURAIS
apoio MusA MUSEU DE ARTE da UFPR · PROEC Pró-Reitoria de Extensão e Cultura · UFPR
realização PALMARES FUNDAÇÃO CULTURAL · MINISTÉRIO DA CULTURA · GOVERNO DO BRASIL DO LADO DO POVO BRASILEIRO

Ação Cultural apoiada pelo Edital Sementes da Ancestralidade - Fomento à Cultura Afro-Diaspórica da Fundação Cultural Palmares

Sobre o projeto

“Bordar o Mundo – política do fio e do tempo nas mãos de mulheres” foi um projeto de formação, criação e difusão em artes visuais realizado pela **MITHS Produções Culturais,** com apoio do Museu de Arte da UFPR – MusA, a partir de proposta contemplada no Edital nº 01/2025 – Sementes da Ancestralidade: Fomento à Cultura Afro-Brasileira, da Fundação Cultural Palmares / Ministério da Cultura.

Conduzida pela artista visual Claudia Lara, a oficina partiu do bordado e da costura como práticas capazes de reunir memória, escuta, presença e criação coletiva. Mais do que ensinar técnicas, a proposta buscou construir um espaço de encontro entre mulheres, onde os processos de criação pudessem surgir também das conversas, dos relatos compartilhados, das experiências de vida e das relações construídas ao longo do percurso.

Realizada entre março e abril de 2026, a ação aconteceu na Sala Expositiva 1 do MusA-UFPR, espaço que, durante 5 semanas, foi transformado em um ateliê aberto de convivência e experimentação. Entre linhas, tecidos, cadernos, peças de roupas e fragmentos de histórias pessoais, cada participante foi convidada a desenvolver um trabalho autoral a partir de suas próprias referências afetivas e ancestrais.

Ao longo dos encontros, o grupo reuniu mulheres de diferentes idades, trajetórias e experiências com as práticas têxteis, desde participantes que nunca haviam bordado até mulheres já vinculadas ao artesanato e à produção artística. Essa diversidade atravessou diretamente a construção da oficina, fortalecendo trocas intergeracionais e ampliando as possibilidades de compartilhamento de saberes, escuta e aprendizado coletivo.

A ancestralidade tornou-se um dos principais fios condutores do processo. Ela apareceu nas peças escolhidas para os bordados, nas histórias de família, nos gestos repetidos pelas mãos, nas lembranças evocadas durante os encontros e também nas ausências, nos silêncios e nos afetos que atravessaram as obras produzidas. Cada trabalho desenvolvido durante a oficina carrega vestígios dessas experiências compartilhadas.

Como desdobramento do percurso formativo, foram produzidas 23 obras têxteis autorais, posteriormente apresentadas na exposição coletiva, realizada entre os dias 16 e 30 de abril de 2026, na mesma sala expositiva em que aconteceram os encontros iniciais. A programação também contou com ações públicas, como rodas de conversa e visita mediada com intérprete de Libras, ampliando o diálogo com o público e fortalecendo o caráter formativo e acessível do projeto.

Este catálogo reúne fragmentos desse percurso: registros dos encontros, processos de criação, ações públicas e obras desenvolvidas pelas participantes ao longo da oficina. Mais do que um material de documentação, ele se constitui como memória coletiva de uma experiência construída a muitas mãos, onde o bordado se tornou também linguagem de escuta, presença e partilha.



Sobre a oficina

A oficina foi estruturada a partir de encontros semanais voltados ao desenvolvimento de processos autorais em arte têxtil. Ao longo de cinco semanas, as participantes acompanharam diferentes etapas de criação das obras, articulando práticas de bordado, escrita, leitura, conversa e acompanhamento coletivo dos trabalhos.

Como ponto de partida, cada participante escolheu uma peça de vestuário ou tecido com o qual já possuía alguma relação prévia: roupas herdadas, peças guardadas ao longo do tempo ou materiais associados a experiências pessoais. A partir dessas escolhas, foram desenvolvidos exercícios de observação, escrita e construção visual que auxiliaram na elaboração dos trabalhos.

Os encontros combinaram momentos de produção prática, compartilhamento de referências artísticas, acompanhamento técnico e discussão coletiva dos processos em desenvolvimento. Ao longo da oficina, também foram incorporadas práticas de sensibilização, leitura de poemas e escuta musical, ampliando as possibilidades de construção poética das obras.

A proposta teve como eixo o acompanhamento continuado dos processos de cada participante, respeitando diferentes tempos de criação, níveis de experiência com o bordado e modos de elaboração dos trabalhos.





Ementa

Encontro 1 | 04/03/2026

Apresentação do projeto, compartilhamento inicial entre as participantes e introdução aos processos de criação e escrita.

Encontro 2 | 11/03/2026

Escolha e discussão das peças utilizadas nos trabalhos, desenvolvimento técnico e acompanhamento dos processos individuais.

Encontro 3 | 18/03/2026

Leitura de poemas, apresentação musical de Ana Paula Peters e continuidade dos bordados.

POEMA: COUTO, Mia, “A infinita fiadeira”, Livro de Contos - O Fio das Missangas, Lisboa, Companhia das Letras, (1ª ed., Caminho, 2003) 2009.

“A aranha, aquela aranha, era tão única: não parava de fazer teias! Fazia-as de todos os tamanhos e formas. Havia, contudo, um senão: ela fazia, mas não lhes dava utilidade. O bicho repaginava o mundo. Contudo, sempre inacabava as suas obras. Ao fio e ao cabo, ela já amealhava uma porção de teias que só ganhavam senso no rebrilho das manhãs.

E dia e noite: dos seus palpos primavam obras, com belezas de cacimbo gotejando, rendas e rendilhados. Tudo sem fim nem finalidade. Todo bom aracnídeo sabe que a teia cumpre as fatais funções: lençol de núpcias, armadilha de caçador. Todos sabem, menos a nossa aranhinha, em suas distraiçoeiras funções.

Para a mãe-aranha aquilo não passava de mau senso. Para que tanto labor se depois não se dava a indevida aplicação? Mas a jovem aranhiça não fazia ouvidos. E alfaiatava, alfinetava, cegava os nós. Tecia e retecia o fio, entrelaçava mais e mais teia. Sem nunca fazer morada em nenhuma.

Recusava a utilitária vocação da sua espécie.

- Não faço teias por instinto.

- Então, faz porquê?

- Faço por arte.

Benzia-se a mãe, rezava o pai. Mas nem com preces. A filha saiu pelo mundo em ofício de infinita teceloa. E em cantos e recantos deixava a sua marca, o engenho de sua seda. Os pais, após concertação, a mandaram chamar. A mãe:

- Minha filha, quando é que assentas as patas na parede?

E o pai:

- Já eu me vejo em palpos de mim...

Em choro múltiplo, a mãe limpou as lágrimas dos muitos olhos enquanto disse:

- Estamos recebendo queixas do aranhal.

- O que é que dizem mãe?



- Dizem que isso só pode ser doença apanhada de outras criaturas.

Até que se decidiram: a jovem aranha tinha que ser reconduzida aos seus mandos genéticos. Aquele devaneio seria causado por falta de namorado. A moça seria até virgem, não tendo nunca digerido um machito. E organizaram um amoroso encontro.

- Vai ver que custa menos que engolir mosca - disse a mãe.

E aconteceu. Contudo, ao invés de devorar o singelo namorador, a aranha namorou e ficou enamorada. Os dois deram-se os apêndices e dançaram ao som de uma brisa que fazia vibrar a teia. Ou seria a teia que fabricava a brisa?

A aranhiça levou o namorado a visitar a sua colecção de teias, ele que escolhesse uma, ficaria prova de seu amor.

“A família desiludida consultou o Deus dos bichos, para reclamar da fabricação daquele espécime. Uma aranha assim, com mania de gente? Na sua alta teia, o Deus dos bichos quis saber o que poderia fazer. Pediram que ela transitasse para humana. E assim sucedeu: um golpe divino, a aranha foi convertida em pessoa. Quando ela, transfigurada, se apresentou no mundo dos humanos logo lhe exigiram a imediata identificação. Quem era, o que fazia?

- Faço arte.

- Arte?

E os humanos se entreolharam intrigados. Desconheciam o que fosse arte. Em que consistia? Até que um, mais velho, se lembrou. Que houvera um tempo, em tempos de que já se perdera memória, em que alguns se ocupavam de tais improdutivos afazeres. Felizmente, isso tinha acabado, e os poucos que teimavam em criar esses poucos rentáveis produtos - chamados de obras de arte - tinham sido geneticamente transmutados em bichos. Aranhas, ao que parece.”

COUTO, Mia. A infinita fiadeira. Livro de Contos - O Fio das Missangas, Lisboa, Companhia das Letras, (1a ed., Caminho, 2003) 2009.



Encontro 4 | 25/03/2026

Compartilhamento dos processos de escrita e aprofundamento conceitual das obras.

Encontro 5 | 01/04/2026

Finalização dos trabalhos e preparação coletiva da exposição.

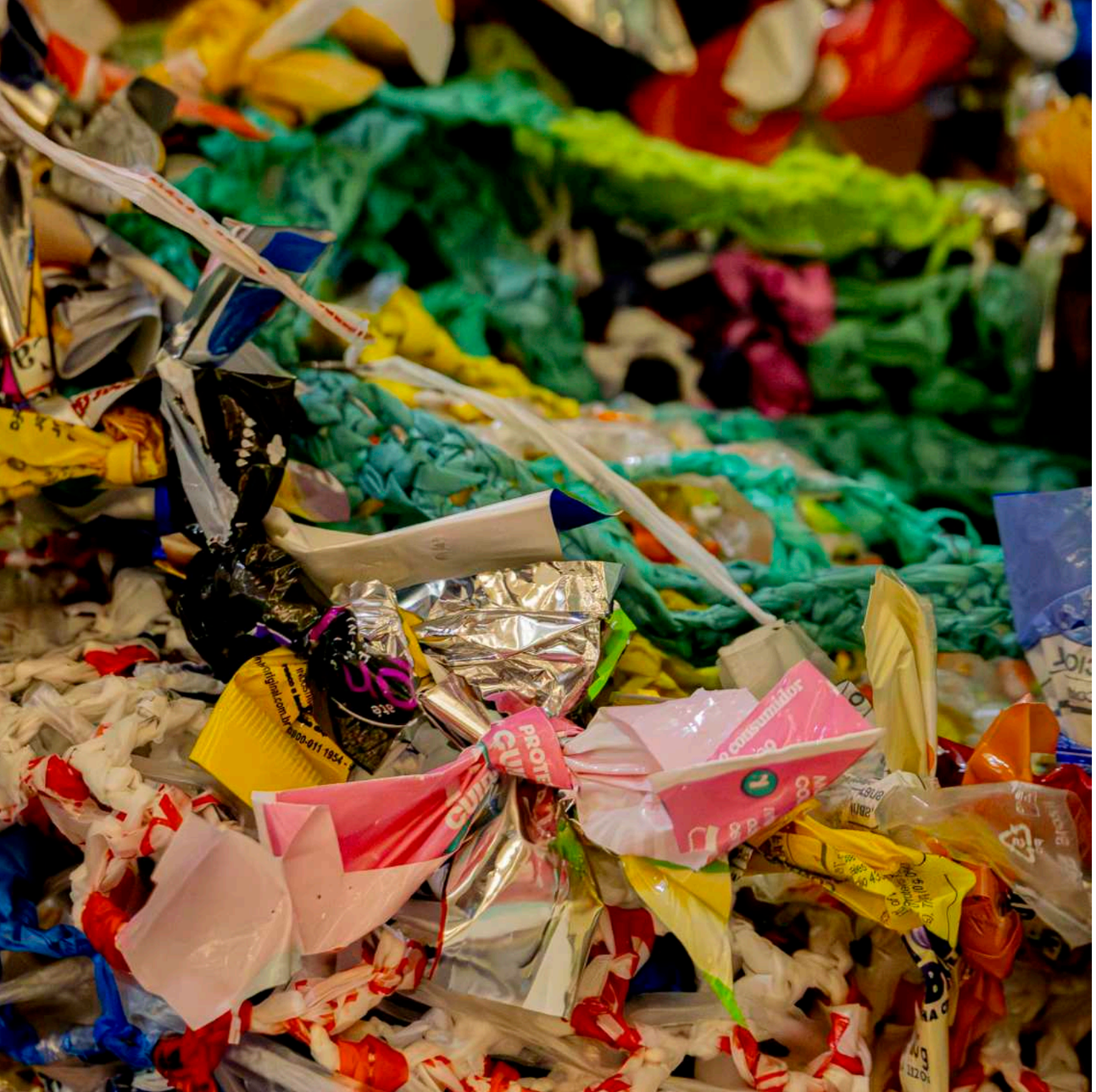
Exposição coletiva | 16/04 a 30/04/2026

Ações públicas

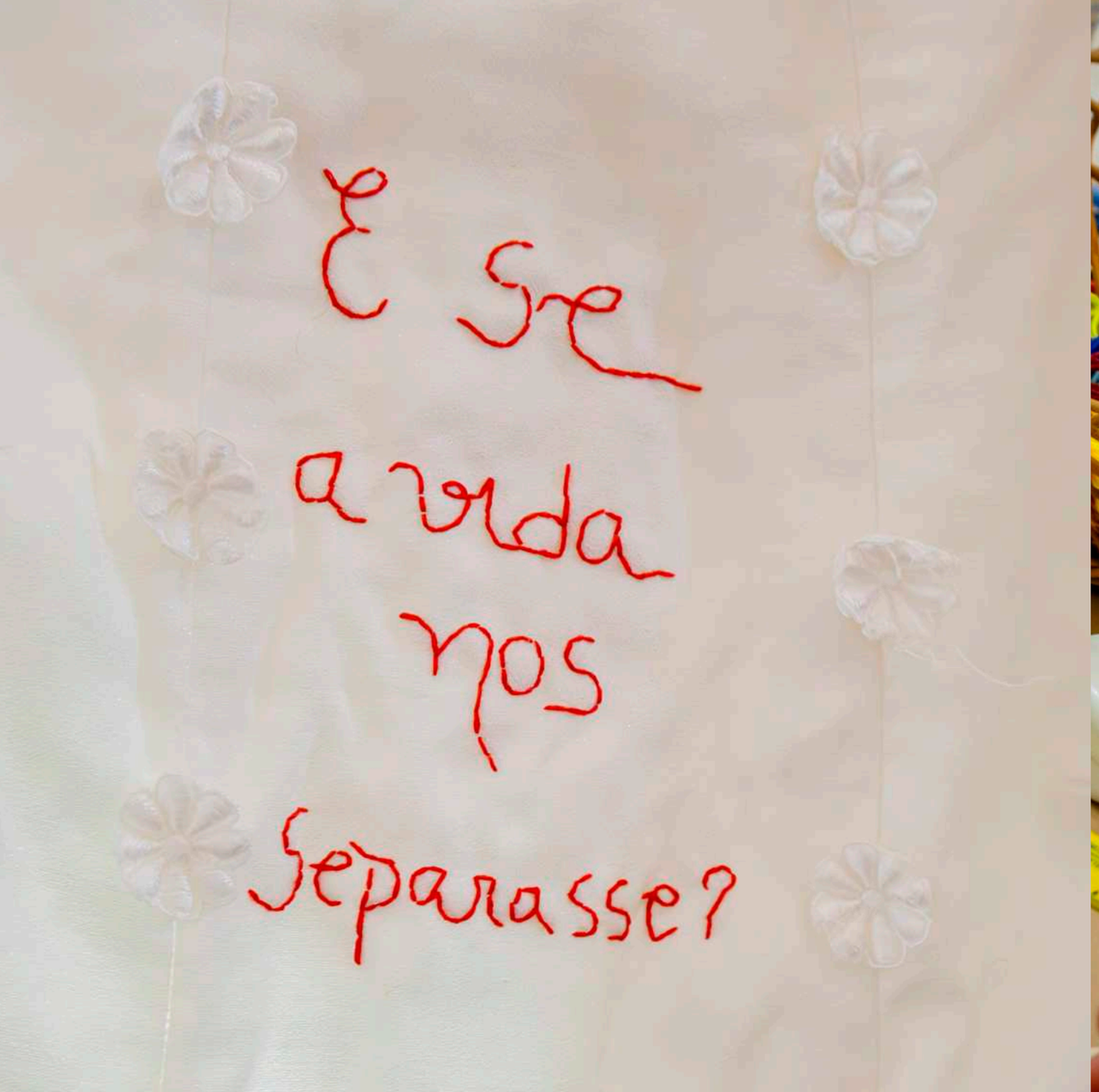
23/04 — Visita mediada

06/03 e 30/04 — Rodas de Conversa








E se
a vida
nos
separasse?


ABACADO
ABACADO

Não há matéria mais essencial do que as histórias de vida que cada corpo carrega. Quando reunidas, essas narrativas deixam de ser individuais e passam a pulsar como um tecido comum — uma força ancestral que se ativa na partilha. Nesta experiência coletiva, as memórias se entrelaçam, a escuta se afina, e um campo de confiança se estabelece como território fértil para o que é íntimo: vulnerabilidades, afetos e emoções.

Este círculo de criação e cuidado se constituiu ao redor de fios de múltiplas matizes, agulhas, bastidores e tesouras — instrumentos que, mais do que ferramentas, tornaram-se mediadores de encontros. Em coletivos de bordado, a troca é inevitável: lágrimas se convertem em nós franceses, relatos se estendem em correntinhas, sorrisos abrem tramas vazadas no tecido. O gesto têxtil, aqui, é também gesto de escuta e de presença.

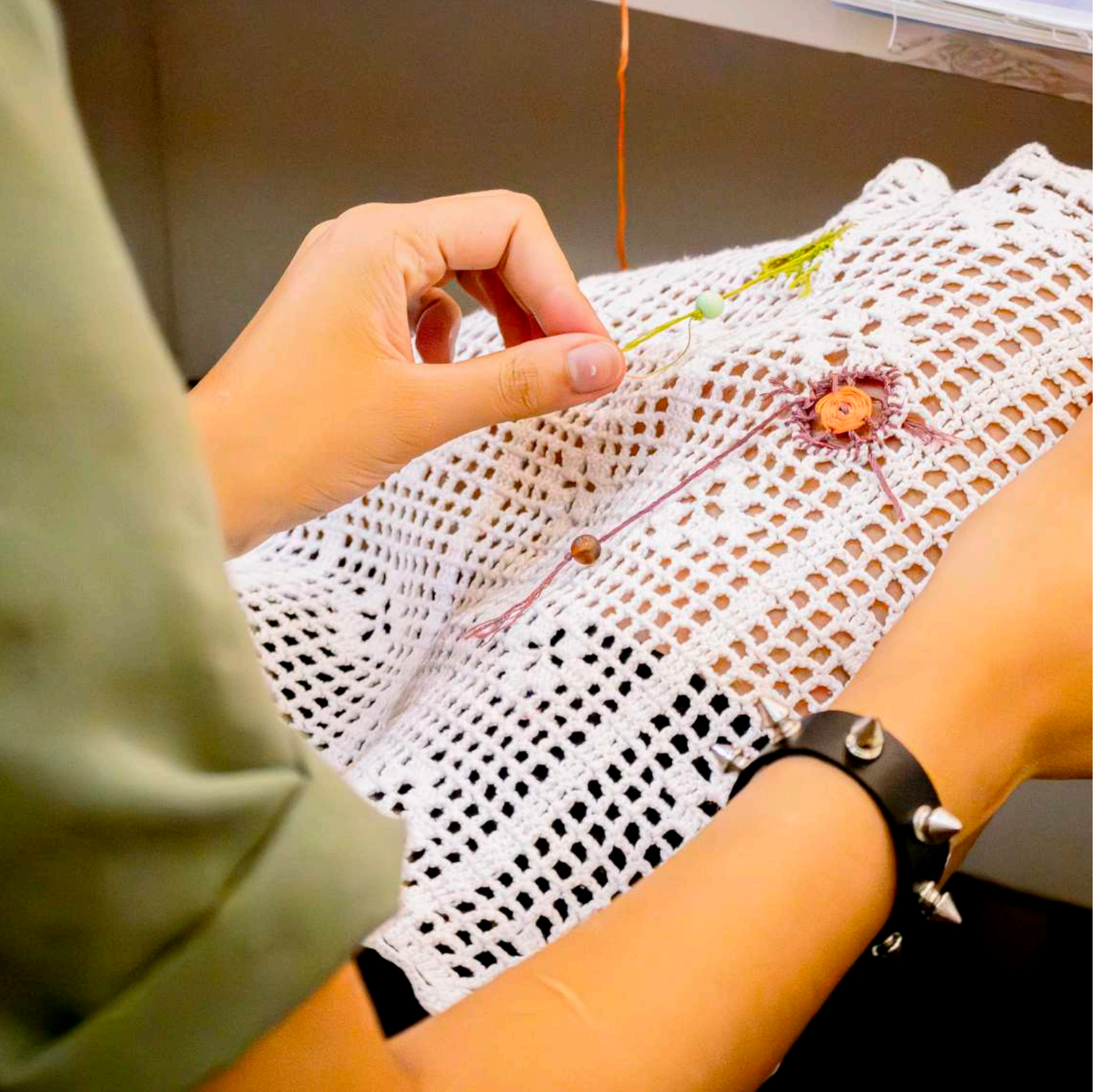
Ao longo de cinco encontros, 23 participantes — em sua maioria mulheres — foram convidadas a criar a partir de peças de vestuário carregadas de memória: roupas herdadas, fragmentos de momentos vividos, tecidos que guardam histórias. Cada material trouxe consigo um tempo, um corpo, um vestígio. E, no entrelaçamento dessas narrativas, as obras emergiram.

A prática têxtil revela-se, assim, como um território intrinsecamente coletivo. Mesmo quando executada em silêncio, ela convoca o outro — real ou ancestral. Não se faz arte têxtil sem relação. É nesse processo que se exercitam a resiliência, o pertencimento, a resistência e a paciência.

As obras apresentadas tensionam e acolhem temas urgentes: feminismo, território, afeto, ancestralidade e memória. São superfícies sensíveis onde o tempo se deposita em camadas, e onde cada ponto carrega a densidade de uma história compartilhada. Aqui, o tecido não apenas sustenta — ele narra, resiste e permanece.

Claudia Lara









ANA CAROLINA Nabrega



Somos começo, meio e começo, 2026

Toalha de bandeja, bordado com linha de meada e fio de algodão mercerizado.

40 x 30 cm

Este bordado é uma homenagem à minha avó materna Celestina, minha mãe Solange e a minha filha Luana. Como disse Nego Bispo “somos da circularidade: começo, meio e começo. As nossas vidas não tem fim. A nossa ancestralidade nos guia.





ANA PAULA Pontos



A Benção das Linhas, 2026

Saia guardada, memórias femininas, linhas de bordado e de música, pontos cotidianos e ancestrais

60 centímetros de raio/giro

Do armário para a sacola esquecida num canto da casa. Sem tempo para doar, pego ela de volta pelas memórias que permanecem a rodar. Lembra quem fomos e somos. Escolhas, descobertas e consciência. Ancestrais e futuras que quero e posso tecer.





ANDREA Oliveira



Tecitura dos sonhos, 2026

Tecido e linha de costura

150 x 50 cm

Por que sonhamos?
Para a neurociência, segundo Sidarta Ribeiro, os sonhos têm objetivos funcionais e servem para acúmulo da cultura humana. Para a psicanálise de Carl Jung os sonhos são uma maneira de acesso ao inconsciente, inclusive o coletivo. Existem algumas respostas parciais nas explicações científicas, e nos conceitos das ciências humanas, mas também na mitologia, na superstição e na fé. Não temos uma verdade absoluta. A única certeza é que os sonhos fazem parte da ancestralidade humana.





ASTRUD Barbosa



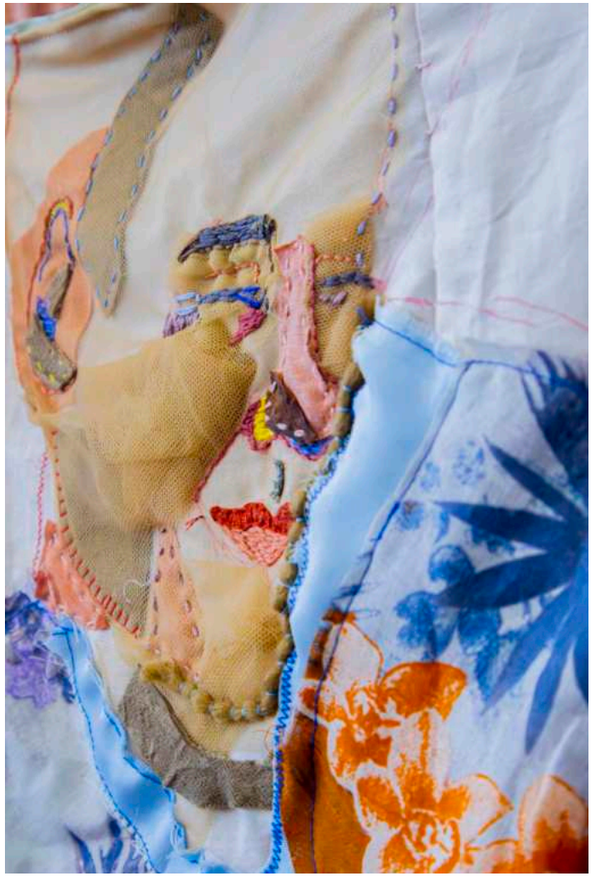
Da minha carne, a tua, 2026

Assemblagem com tecido, linha de bordado, peças de roupa.

65 X 70 cm

Da minha carne, saíste tu, mas não é a mim a quem pertences.
Em contrário, pertenço à ti, com todas as minhas entranhas.
Meu trabalho surge a partir de uma vestimenta que meu pai --- a quem chamarei por D. Barbosa --- utilizou por muito tempo em um ofício que penso ser muito parecido com o meu: o da construção. Com tal camiseta, construiu paredes, chão e teto, deu cabo de levantar estruturas de moradia para minha família e outros. Nesse espectro de criação e materialidade, que se dá de forma e em escalas diferentes, vejo o entremenho da manualidade. Me sento, costuro, e já não mais estou ali. Com a presença corpórea, D. Barbosa utiliza cada micro movimento na articulação do labor braçal e ferrenho, de levantar estrutura, de levantar cultura.





Baiê



Rito de Passagem (Efigênia Rolim), 2026
Poncho de plástico com aplicações de crochê, tecido,
fecho de pão e lacre de leite.
100 x 80 cm

Minha prática artística se inicia em 2024, ao me deparar com o trabalho plástico, performático, poético, de Efigênia Rolim. Agora, em 2026, após sua partida, apresento a necessidade de a envolver carinhosamente na minha memória. O poncho, base do trabalho, se originou em uma das primeiras performances realizadas por mim, primeiro contato de ação experimental com meu corpo. Me propus a resgatá-lo e colocá-lo em diferente contexto, um direcionamento mais claro de homenagem a uma pessoa que aprecio e amo, e não só, mas um desejo de que nossa Rainha do Papel de Bala realize uma passagem linda em seu pós-vida.







Memória como matéria, 2026
Obra #1, ponto cruz, fotografia impressa, fio, papel branco 300g, tecido.
30 x 41 cm.

Obra #2, bordado livre, fotografia impressa, fio, toalha de crochê, retalhos.
30 x 41 cm.

Memória como matéria nasce do desejo de investigar as relações entre imagem, materialidade e memória a partir de um arquivo pessoal: fotografias produzidas pelo meu avô paterno e retalhos de tecido que pertenceram a minha avó materna. Ao entrar em contato com esse conjunto de imagens e , surge a necessidade de reativá-las e deslocá-las do âmbito íntimo para o espaço expositivo.
O projeto propõe a articulação entre fotografia e tecido como suportes de memória, superfícies que guardam vestígios, afetos e ausências. A costura e o bordado aparecem como gestos simbólicos e construtivos, operando como linguagem que intervém, conecta e transforma as imagens.
Ao serem incorporadas ao tecido, as fotografias deixam de ser apenas registros fixos do passado e passam a atuar como matérias vivas, sujeitas a sobreposições e reconfigurações. O trabalho investiga, assim, a memória não como algo estático, mas como um campo em constante elaboração.
Ao utilizar imagens do arquivo familiar, proponho um deslocamento do privado para o público, transformando experiências individuais em possibilidades de compartilhamento e ressignificação no espaço artístico.



GI Mazetta



O Avesso da Linha, 2026
Técnica mista: Ponto cruz, crochê e bordado livre sobre camisola antiga.
100 x 68 cm

O bordado nesta peça é um ritual de cura. Nas costas, a rosa, dentro as correntes de crochê evocam a história de mulheres da minha linhagem, unidas por gestações precoces e casamentos impostos. Ao engravidar adolescente, rompi o ciclo: escolhi meu próprio caminho. Os pontos livres em vermelho celebram essa liberdade. Esta obra é o abraço da mulher que sou hoje na menina que precisou de coragem para decidir.





HELOISA Campos



A vida por um fio..., 2026
Vestido de organdi, com aplicações em bordado livre dos desenhos e crochês, com armações em arame para sustentação e simulação de movimento.
100 X 75 cm

Esta obra é uma forma de resgatar minha criança interior fragilizada e retida, adormecida...que renasce e vai viver a vida com mais leveza e amor...o céu sorriu quando você nasceu ...
Podemos nascer mil vezes a cada dia ...
Através dos desenhos a expressão do viver um momento novo a cada dia...O dia-sol invade o meu interior e irradia a felicidade de poder VI-VER a leveza de VOAR....voar...voar....





ISABEL Ortigoso



TeceNdência, 2026
Tecido e linhas de bordado, aplicações.
100 x 50 cm

A trisavó Mariana fugiu da guerra em Kiev com Francisca, Victória e Maria. Bordaram medo, incertezas e ansiedades. Victória ensinou Nhuta bordar esperança e segurança. Nhuta ensinou Lucy e Didi bordarem sonhos e realidades. Lucy bordou a blusa azul, o enxoval da Isabel e se foi daqui. Hoje, Isabel borda e reborda o xaleAbraço com saudades de todas elas.





LARISSA Gerardi



Flores no meu leito, 2026
Bordado sobre feltro, crochê, bordado sobre tecido
70 x 90 cm

Às mulheres negras sempre coube o estereótipo da força: aquelas que trabalham, cuidam, acolhem e não adoecem. A fragilidade lhes foi historicamente negada. Esse mito, herdado do período escravocrata no Brasil, atravessa o tempo e ainda persiste. Nesta obra, utilizei uma das poucas peças de roupa na cor rosa que pertenceram à minha avó e, sobre ela, costurei rosas de crochê — as únicas flores que ela se permitiu ter ao longo de uma vida que se estendeu por quase um século.





MARÍA Serrano



Imigrantes foram de Venezuela, 2026
Tecido, linha de bordado, fio de Lã, fita de razo, missangas
40 x 40 cm

Llevo tu luz y tu aroma en mi piel
Y el cuatro en el corazón
Llevo en mi sangre la espuma del mar
Y tu horizonte en mis ojos

No envidio el vuelo ni el nido al turpial
Soy como el viento en la mies
Siento el Caribe como a una mujer
Soy así, ¿qué voy a hacer?

Soy desierto, selva, nieve y volcán
Y al andar, dejo mi estela
El rumor del llano en una canción
Que me desvela





MARIANA BENTIVOGLIO VIEIRA DOS Santos



Fios que sustentam o peso do mundo se entrelaçam em carinho, 2026
Cabelo humano sobre blusa de crochê, linhas de cordado
30 x 40 cm

Três gerações unidas pelos fios;
A partir de uma blusa tecida em crochê por minha avó para minha mãe, bordei os pontos e os ensinamentos que elas me passaram utilizando meus próprios cabelos. Uni, assim, o ofício de minha avó como cabeleireira ao passatempo que lhe trazia alegria. Até os 93 anos em atividade, ela construiu a estrutura para minha mãe ascender; e, durante toda a minha vida, vi minha mãe se entrelaçando para que eu pudesse crescer e voltar minha liberdade para feitos artísticos.
Que me desvela





NAT Castro



O tempo é a linha que nos conecta, 2026
tecido de algodão e linha de bordado
100 x 120 cm

Bordar é um processo lento... A agulha precisa atravessar o tecido carregando o fio em uma trajetória nem sempre planejada. A artista, ao intensificar a percepção do tempo dedicado a uma atividade manual deixa um convite ao espectador: pausar o olhar no encontro entre a linha (que forma os pontos ajour, richelieu, caseado e atrás) e o tecido para resgatar memórias afetivas.





PAOLA Stencel



Linhas da vida, 2026
linhas, vestido, metal
90 x 50 cm

Esse trabalho se trata de percorrer distâncias.
A matéria, para mim, se faz fragmento e receptáculo de memórias; como um arquivo instável, reverbera distâncias entre tempos, lugares, afetos. Se há linhas que prometem um destino, intervir sobre elas se trata de repetir práticas herdadas e reinventadas, explorar novos caminhos e se reencontrar em velhos refúgios.





PATRICIA Alves



E se a vida nos separasse?, 2026
Bordados em vestido de noiva.
135 x 68 cm

O vestido de noiva torna-se arquivo de memória familiar, onde linhas revelam afetos e silêncios. Das raízes que sustentam, uma infância atravessada pelo luto e pela sobrecarga materna. Na vida adulta, revisito essas marcas sob a ótica feminista e nas mangas, bordo a tensão entre “ser mãe” e “não ser mãe”, em um mundo onde somos atravessadas pela violência de gênero.





REJANE SILVEIRA DA Mata



Alicerces são eternos!, 2026
Tecido (camisa), linhas de bordado, peças de crochê, tecidos estampados com a técnica de ecoprint, luva de couro.
Técnica: assemblagem utilizando os materiais listados.
95 x 75 cm

A obra simboliza a minha família.
Sobre uma camisa do meu pai estão aplicados, por meio de bordados, uma luva da minha mãe, toalhinhas de crochê feitas por ela e tecidos com estampas em ecoprint, resultado do meu trabalho. Todas as peças interligadas pelo bordado, evocando sentimentos de amor, fortes ligações, memórias, saudades e pertencimento.





RITA Vaz



Aos que vieram a tempo e aos que brotaram fora do tempo!, 2026
Vestido de algodão estampado, linho branco circular bordado e sobreposto. Técnica costura e bordado
117 X 37 X 23 cm

Escolhi este vestido que carrega a memória da gravidez, e desejei falar dos filhos que nasceram dentro do tempo esperado e dos que perdi, bem como da memória da minha família de origem, dos filhos e filhas que minha mãe teve, dos irmãos horizontais, que nasceram e morreram, e dos que ela perdeu antes do tempo. São histórias, memórias pessoais mas que atravessam o tempo e a vivência de muitas outras mulheres.





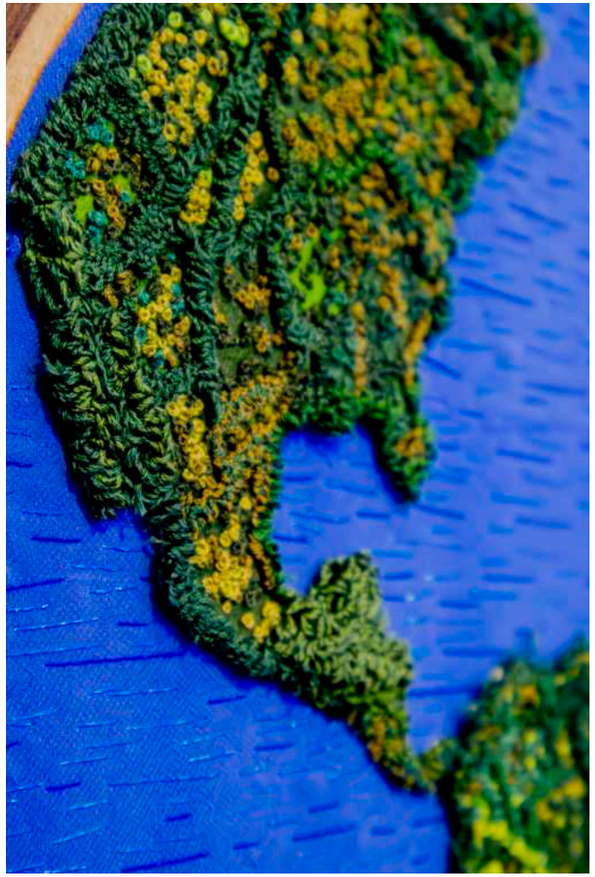
SHEYLA Stoffich



Uma perspectiva do Mundo Bordado à Mão, 2026
Bordado executado sobre algodão crú, com aplicações em crepe e tricoline. Punch Needle e Bordado Livre sobre feltragem.
52 cm de diâmetro

Essa obra é uma homenagem à relação que a autora tem com suas duas irmãs, uma que viveu e outra que vive fora do Brasil. Ela mostra um mundo bordado a mão, com a vista do planeta a partir do satélite. Apenas a América do Sul está representada em sua totalidade, evidenciando o local da partida (Brasil). O oceano que liga todas as parcelas de terra, foi construído com restos de tecido de um vestido de festa, com o qual a autora foi madrinha de casamento de uma das irmãs, representando a ligação a partir da memória de afeto. Assim, mesmo longe de quem amamos, estamos perto em lembranças de momentos partilhados, em parceria e no amor que para sempre nos unirá. Assim nasceu a obra “Uma perspectiva do Mundo Bordado à Mão”.





THAIS Wrablewski MILENA Ribeiro



Doce lembrança ao vestir-se de Origem, 2026
Saia bordada com linhas de meada.
70 x 110 cm

Reaprendo o caminho pelo cheiro das ervas, pelo som dos tambores que ecoam.
O corpo é quem sente e responde antes mesmo de entender.
Há uma conexão, um saber, que não se explica. Apenas se vive.
Trata-se de um retorno: à casa, à terra, a uma família que não se limita ao sangue
nem ao visível, mas se estende entre o chão e o tempo.

Mãos que conduzem, vozes que sustentam o tempo todo.
Neste processo, a saia não me veste, mas gira e me sustenta.
Revelando as raízes que se entrelaçam na pele, e no seu toque reconheço,
talvez pela primeira vez, aquilo que sempre fui.





VAVÁ Diehl



Meu Corpo é Meu Templo em Qualquer Tempo, 2026
jeans e retalhos de tecidos, cordões de crochê, linhas de bordado
140 x 100 cm

Escolhi duas peças em jeans de momentos diferentes de minha vida, em que eu pesava bem menos. Estavam guardadas a espera de que eu emagrecesse e pudesse usá-las de novo. Hoje aceito meu sobre peso com menos encanação. Então resolvi transformar as memórias de outros tempos eternizando nessas roupas as boas lembranças e materializando-as como obra de arte. Foram tempos em que logo depois de ser mãe, me sentia plena, dona de um corpo que havia sido morada de meus filhotes gêmeos, por cerca de quase 8 meses.





VITORIA Souza



Celina, 2026
Blusa feminina, tecido de algodão, bordado com fios de meada e miçangas.
63 x 50 cm.

A obra é bordada em uma blusa que pertenceu à minha avó. Esse processo, de total aprendizado, atravessou muitas memórias e luto, especialmente neste mês de março, que marca sua vida e sua ausência. Ao dedicar tempo e intenção para criar, atribuo novo sentido à ruptura de cotidiano que sofri com sua partida. Assim, ela permanece ainda mais em mim: Celina, ser linha, ser sem ter, mas ser de quem ainda me habita.





YALA Sezen



Somos fio, 2026
Tecido de algodão, linha de bordado, lã
113 x 83 cm

Somos atravessados por fios visíveis e invisíveis. No corpo, veias e estruturas internas desenham percursos vitais; no viver, encontros e memórias criam laços que nos formam. A camisa, próxima do corpo, torna-se território dessas conexões. Um coração bordado no peito marca o ponto de origem, de onde fios se expandem e atravessam a peça, evocando o sentimento como impulso humano. Entrelaçando corpo e memória, a obra sugere que somos trama em construção. O fio nasce dentro, o resto é travessia.





Paula



Carriola Fenestrata por herança, 2026
Tecido, linhas de bordado, pérolas, arame e aparas de lã
66 x 35 cm

“Carriola Fenestrata por herança” nasce das mãos que nunca toquei, mas cuja presença ecoa em cada fibra. O vestido, costurado pela bisavó de minha esposa, atravessou gerações até chegar ao meu casamento. Fiz de suas aparas mariposa, como quem costura uma nova história a partir da antiga. Aqui, memórias se cruzam, e a herança que chegou até mim se torna parte viva da minha história, bordada em amor e continuidade.

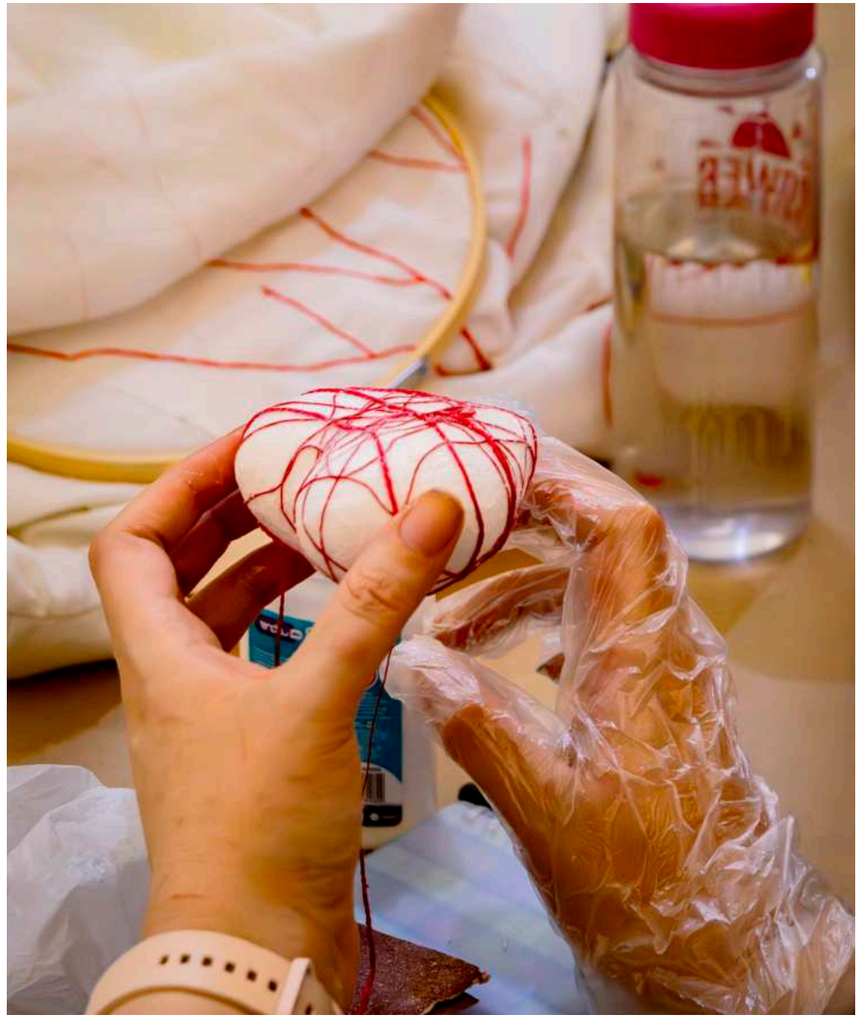








Registro da abertura da exposição.





Registro da abertura da exposição.

Ações públicas

Fios e escritas de si – Mulheres na Arte Têxtil
Roda de conversa realizada em 06 de março de 2026, como parte da programação do VI Março das Mulheres UFPR, com participação de Claudia Lara e Patricia Nies.

Visita mediada
Realizada em 23 de abril de 2026, com condução de Claudia Lara e participação de integrantes do projeto, contando com intérprete de Libras.

Roda de conversa de encerramento
Realizada em 30 de abril de 2026, com participação das mulheres integrantes do projeto, também com intérprete de Libras.



Registro da abertura da exposição.



Registro da abertura da exposição.



Registro da visita mediada da exposição.

Bordar o Mundo em números

Mais de **50** inscrições recebidas

22 participantes acompanharam integralmente o processo

23 obras autorais produzidas

476 visitantes durante o período de ateliê aberto

423 visitantes durante a exposição



Registro das oficinas.



Registro das oficinas.





Registro da roda de conversa.



Registro da roda de conversa.



Registro da visita mediada da exposição.



Registro da visita mediada da exposição.



Registro da visita mediada da exposição.



Registro da roda de conversa.

Registro da roda de conversa.





Registro da roda de conversa.



Registro da roda de conversa.



Agradecimentos

Agradecemos, acima de tudo, às participantes do projeto, que confiaram seus processos, memórias, histórias e trabalhos a esta experiência coletiva.

À artista visual Claudia Lara, pela condução sensível da oficina e pelo acompanhamento atento dos processos desenvolvidos ao longo dos encontros.

Ao assistente de oficina Guilherme Brollo, pelo acompanhamento das atividades e apoio durante todo o desenvolvimento do projeto.

À fotógrafa Vaguelis Silva, pelos registros sensíveis construídos ao longo das oficinas, da exposição e das ações públicas, e à designer Bárbara Haro, pelo desenvolvimento gráfico deste catálogo e dos materiais visuais do projeto.

À equipe do Museu de Arte da UFPR – MusA, pela parceria, acolhimento e suporte durante todas as etapas do projeto, especialmente à produtora Marcelle Cortiano, à chefe do museu Patricia Salles, ao núcleo educativo, representada por Juliana Barbosa, ao Seu Davi, da equipe de monitoramento e vigilância, e à Andressa, da recepção do museu.

Agradecemos também à Fundação Cultural Palmares e ao Ministério da Cultura, pelo fomento que tornou possível a realização do projeto, e a todas as pessoas que acompanharam as oficinas, a exposição e as atividades públicas realizadas ao longo deste percurso.

